



A INDÚSTRIA E SEU PAPEL NA MITIGAÇÃO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Mesa-redonda Corporate Leaders and Financial World trouxe exemplos de ações já empregadas e a necessidade de uma participação mais ativa pelas organizações

POR THAIS SANTI
Especial para *O Papel*

Em mais um evento sobre bioeconomia e os impactos positivos e negativos das atividades das indústrias ao meio ambiente, foi evidenciada a evolução das companhias em seus processos de transformação. Mas estes avanços são suficientes para demonstrar a efetividade das organizações no combate às mudanças climáticas? Para os painelistas da mesa-redonda *Corporate Leaders and Financial World*, evento que compôs a programação do World Bioeconomy Roundtables – uma programação virtual que antecede o Fórum Mundial de Bioeconomia –, o que falta é regulação e o desejo que os bioprodutos passem a integrar os créditos de carbono no futuro.

Realizado no dia 14 de junho último, o evento virtual levantou discussões como os sumidouros e estoques de carbono, bioprodutos tradicionais e emergentes em substituição aos recursos não renováveis de base fóssil, além de transmitir a mensagem sobre a importância da indústria florestal perante a COP27.

Com mediação de Teresa Presas, cofundadora do Conselho do Fórum Mundial de Bioeconomia e apresentada por Mark Rushton e Jukka Kantola, a mesa-redonda contou com participações dos executivos David Brand, presidente e CEO da New Forests, Derek Nighbour, presidente e CEO da Forest Products Association of Canada (FPAC), Ilkka Hämälä, presidente e CEO do Grupo Metsä e Walter Schalka, CEO da Suzano.

Para Ilkka Härmälä, a indústria vive a demanda por materiais renováveis, o que favorece o setor florestal. Ao mesmo tempo, o cenário envolve um maior comprometimento perante as mudanças climáticas, impulsionada por fatores, como a urbanização, o crescimento da população global e, claro, o forte desenvolvimento dos países emergentes. “Pelo menos para a nossa empresa, por nos preocuparmos com essas grandes transformações quando estamos desenvolvendo novos negócios, nós estamos ajudando o dia a dia de cada cidadão que busca por esses tipos de produtos feitos com o menor uso possível de recursos”, pontuou o CEO do Grupo Metsä, um dos pioneiros na bioeconomia.

Na prática, isso envolve a redução de impactos, como produzir fardos de papel sem combustíveis fósseis, melhorias na reciclabilidade e o desafio da reutilização dos materiais de embalagem. Já na área da construção, o mesmo seria válido para substituir o uso do concreto pela madeira, mas sendo um recurso limitado em algumas regiões, como a nórdica, isso significa que devemos ser capazes de resolver essa necessidade de novos materiais com o menor uso de árvores possível.

Härmälä tentou evidenciar com esses desafios o apoio constante recebido por parte do governo finlandês em inovação e tecnologia. Atualmente, a empresa investe em *startups* para buscar extrair novos componentes dos resíduos da madeira, a fim de transformá-los para a indústria química. Também está na linha de desenvolvimento a produção de fibras têxteis, em uma planta piloto dentro de uma de suas indústrias.

Sobre impactar positivamente outras companhias, movi-

mentando ainda mais o potencial da bioeconomia, o CEO do Grupo Metsä pontuou que a companhia busca desenvolver a sustentabilidade em todas as frentes de negócios. “Somos uma empresa com € 6 bilhões de receita. Empregamos cerca de 9.500 pessoas. É claro que temos um grande número de pessoas em operações de pesquisa, mas não estamos pensando em desenvolver tudo sozinhos. Por isso, acreditamos muito em ecossistemas industriais. Basicamente, temos uma interface forte onde queremos encontrar novos processos, novos produtos que são operados e executados por nós mesmos ou por alguma empresa-mãe ou parceira. O sucesso vem deste bom networking”, disse Härmälä.

Em sua visão, o foco principal está em melhorar a sustentabilidade dos processos e, por isso, deve-se olhar para toda a cadeia de valor. O mesmo é válido para se obter a sustentabilidade econômica e a sustentabilidade ambiental, de forma contínua. Para tal, a companhia tem realizado grandes aportes nos últimos dez anos. O atual programa de investimento está próximo aos € 3 bilhões. O programa anterior (2015 a 2018) foi de € 2 bilhões. “O montante advém do cluster formado por proprietários florestais finlandeses. Portanto, nossa tarefa é criar uma indústria de sucesso na região”, disse Härmälä.

Em seguida, sob o propósito de “Renovar a vida a partir da árvore”, Walter Schalka, CEO da Suzano, continuou a rodada de apresentações enfatizando as ações da companhia. Cada vez mais, a empresa tem diversificado seus produtos e revisitado seus processos produtivos, buscando uma operação mais limpa. Ações que estão alinhadas aos Compro-



Painelistas enfatizaram que as empresas do setor florestal possuem papel fundamental para a mitigação das mudanças climáticas

REPRODUÇÃO / CORPORATE LEADERS AND FINANCIAL WORLD ROUNDTABLE

missos para Renovar a Vida, conjunto de 15 metas de longo prazo na frente ESG (sigla em inglês para ambiental, social e governança). “O primeiro compromisso é de que estamos do lado certo da equação para combater a crise climática e minha percepção é que precisamos crescer não só pelo sequestro de carbono, mas aumentar a regeneração da floresta natural em diferentes áreas, inclusive na Amazônia, aqui no Brasil. Somos parte da solução e é algo que não podemos mais adiar”, destacou Schalka.

Quanto ao mercado de carbono, o qual teve o anúncio recente da sua regulação no Brasil, o executivo da Suzano vê como ferramenta bastante positiva para impulsionar os investimentos das companhias na redução de emissões, considerando que a empresa também pretende se beneficiar desta possibilidade no futuro a partir da geração de créditos de carbono. Ele destacou ainda que a Suzano tem metas bem estabelecidas para contribuir com a redução das emissões globais, como a de substituir 10 milhões de toneladas de produtos provenientes de diferentes materiais fósseis, como o plástico, por papéis mais resistentes, voltados ao mercado de embalagens, dentre outras alternativas que contribuem para o meio ambiente. Além disso, Schalka pontuou a importância da biodiversidade, que hoje é preservada nas suas atividades florestais por meio dos corredores ecológicos.

Também fez parte da sua fala o trabalho realizado para proteção ao uso da água e a geração de energia limpa. “Estamos aumentando em mais de 50% nossa exportação de energia renovável até 2030 e reduzindo os resíduos sólidos em nossas operações em 70% nos próximos anos. Acho que esse é o nosso compromisso e estamos na direção certa para lidar com todos eles”, esclareceu.

Atuando na bioeconomia por meio da inovação, a Suzano também chamou a atenção dos participantes para a produção de fibras têxteis e do bio-óleo. Ambos são fruto de parcerias com *startups*. “Como acionistas da Spinnova, na Finlândia, entraremos em operação com uma planta no final deste ano. E nos próximos seis meses poderemos levar a nossa fibra para o mercado têxtil. Acreditamos também no projeto de bio-óleo, em parceria com a Ensyn, nos Estados Unidos e Canadá, como parte da solução a longo prazo”, citou.

Já na perspectiva da gestão de investimento, David Brand, presidente e CEO da New Forests, que opera em grande parte na região da Ásia-Pacífico, afirmou que a companhia tem acompanhado muitas mudanças dinâmicas e empolgantes nos mercados florestais, tanto do lado da demanda quanto do lado da oferta. “Estamos vendo a precificação do carbono bem enraizada em nossa região e uma sensação crescente de outros tipos de uso sustentável da terra estão representando quase uma novidade na classe de ativos de capital natural”, enfatizou.

Vale destacar que a empresa foi a primeira a realizar a transação de compensação de carbono florestal do fundo de redu-

ção de emissões na Austrália há cerca de cinco anos e algumas das primeiras transações no esquema de comércio de emissões da Nova Zelândia, adquirindo experiência com os mercados regulamentados de carbono, e em fundos com enfoque na conservação do ecossistema, como aqueles voltados para o financiamento climático. “Em primeiro lugar, o setor florestal tem um grande papel na transição para uma bioeconomia circular. Em segundo lugar, estamos tentando impulsionar o papel da silvicultura e a conservação mais ampla e o manejo sustentável da terra como fornecimento de soluções climáticas naturais. E, por último, tentar criar valor compartilhado com as comunidades onde atuamos com os proprietários de terras rurais de uma forma que ajude a facilitar uma transição produtiva para sistemas de uso sustentável da terra”, disse Brand.

“Todos aqui sabem que grande parte dos materiais que hoje estão sendo feitos de combustíveis fósseis podem ser substituídos por outros renováveis. Contudo, uma transição em larga escala para materiais de base biológica precisará de um aumento considerável na matéria-prima e minha opinião é que uma parte significativa da oferta incremental de madeira terá de vir de plantações de madeira intensivamente manejadas no Hemisfério Sul”, explicou o executivo da New Forests.

Brand afirmou que vem observando que as empresas têm realizado esforços para criar valor para a conservação da biodiversidade. “Há muita pressão dos investidores sobre as empresas para zerar seus impactos nas mudanças climáticas e seus impactos na natureza. E à medida que isso se expande e esse movimento cresce, haverá mais valor criado no setor florestal. Se pudermos nos posicionar para ser um provedor de soluções, tanto em conservação da natureza quanto em clima, então, percebo que o setor está evoluindo para um tipo de infraestrutura que fornece benefícios climáticos e de conservação, bem como matéria-prima vinculada às novas indústrias de bioeconomia circular, sendo vantajoso para todos os envolvidos nessa cadeia”, resumiu.

Diante do contexto apresentado pelos demais painelistas, Derek Nighbour, presidente e CEO da Forest Products Association of Canada (FPAC), trouxe a sua visão sobre o que está acontecendo no Canadá. “Atualmente grande parte da nossa base florestal está sendo afetada por incêndios e pragas. O que colhemos de forma sustentável não tem sido suficiente para compensar os danos. Estamos vendo áreas queimadas pelo fogo que serão difíceis de vermos crescendo algo novamente. Portanto, temos uma grande prioridade de saúde florestal e carbono baseado em terra”, pontuou Nighbour, mas fez um questionamento: “como criar valor em carbono para madeiras de crescimento de longa duração?” Para ele, o momento atual representa um dilema para a região acompanhar o desenvolvimento da bioeconomia.

Nighbour pontuou ainda que de forma geral, as empresas também estão sofrendo forte pressão do governo para se ade-

Mapa das biorrefinarias

Durante o evento, os organizadores anunciaram o lançamento de uma nova plataforma sobre biorrefinarias. Trata-se de um mapa interativo das empresas que atuam na Europa com foco em bioprodutos. O objetivo será expandir para as demais regiões do globo posteriormente, a fim de valorizar as empresas que movimentam a bioeconomia mundial.

Para conhecer mais, acesse:
worldbiorefineries.com



ADOBE STOCK

quarem às metas de redução de emissões estabelecidas durante o mandato do governo Trudeau. “Este ano estamos focados na adaptação, e o manejo florestal vai figurar proeminentemente nisso. Dado o cenário das evacuações comunitárias em algumas regiões por conta dos incêndios e das pragas, estamos avaliando as diferentes ferramentas disponíveis, uma vez que é um grande desafio para a indústria e as associações da indústria em termos de capacidade atual acompanhar todas essas mudanças”, contextualizou.

Dessa forma, o painelistra trouxe para contrapor esse cenário, ações de empresas membros da família FPAC que estão atuando de forma bastante inovadora em tais questões. “Quem imaginaria que uma empresa florestal seria essencial para o cultivo de 50 milhões de pepinos por ano? Mas é isso que estamos vendo com os produtos Resolute Forest e a estufa de tundra em Saint Felicien, Quebec. Nesse caso, a fábrica de celulose fornece 25% do calor usando o desperdício de calor para abastecer a estufa. O abastecimento de água quente é usado para aquecimento. As águas processadas são usadas para a produção agrícola. Com isso, gerou-se 180 empregos bem remunerados em uma comunidade de 10 mil pessoas”, comemorou.

A segunda iniciativa está sendo realizada na região de Saguenay, em Quebec, também com uma população de 10 mil pessoas. “Esta é a primeira planta em escala comercial de lignina no Canadá. São 30 toneladas de lignina sendo produzidas por dia, com foco em adesivos e resinas, que até então eram materiais produzidos com combustíveis fósseis. Também existem alguns ótimos trabalhos integrados sendo feitos aqui em termos de produção de compensados”, acrescentou.

Já a terceira iniciativa é uma estratégia de substituição de gás natural que a Mercer está realizando no interior de British Columbia. “Uma fábrica de celulose artesanal, utilizando combustíveis biogênicos do processo de celulose para substituir o gás natural. A expectativa é poder economizar a quantidade equivalente de calor que aqueceria 20 mil casas”, contou o presidente e CEO da FPAC. “Compartilhei

essas ações por conta da amplitude da oportunidade. Na bioeconomia diferentes inovações estão acontecendo e são realmente importantes para demonstrarmos que não somos apenas silvicultura”, completou Nighbour.

Ao final da mesa-redonda, Teresa enfatizou que ainda há pouca comunicação e que as ações devem ser mais bem direcionadas até a próxima COP. Além disso, o cenário atual é bastante complexo devido à diversidade de situações e estágios de desenvolvimento nas diferentes regiões. Nighbour pontuou a importância do financiamento global no combate às mudanças climáticas e o alinhamento das associações para o fortalecimento das ações – em especial da comunicação com a comunidade em geral, que tem demonstrado maior atenção para esses assuntos, mas que ainda não se mobilizou totalmente. Para tal, é necessário encontrar formas criativas de atrair a atenção desse público.

Schalka enfatizou que devem existir 500 milhões de pessoas discutindo as mudanças climáticas, enquanto outras 7,5 bilhões de pessoas não estão pensando no assunto, mas sim, em questões básicas. “Se não buscarmos regulamentações, não tivermos companhias engajadas no mundo à causa, nós continuaremos a ter bons discursos, mas não conseguiremos efetivar as ações propostas. Nós precisamos defender a nós mesmos, não podemos postergar e procrastinar diante da situação. Precisamos ver o momento como uma oportunidade e uma possibilidade real em fazer as coisas acontecerem ao trabalharmos conjuntamente.”

Brand fez uma reflexão sobre o massivo crescimento populacional das últimas décadas *versus* a preocupação com o futuro que deverá ser construído sobre o pilar da sustentabilidade. “Nosso principal desafio está em organizar o escalonamento do capital necessário para que a indústria cresça alinhada às oportunidades.” Por sua vez, Hämälä disse que “as empresas não estão rumando à sustentabilidade buscando apenas seus benefícios, mas por enxergarem as necessidades da sociedade como um todo.” ■